



A filologia segundo Erich Auerbach

Philology according to Erich Auerbach

 10.21680/1983-2109.2021v28n55ID20483

Leandro Neves Cardim

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

 0000-0002-9243-9197

leandronevescardim@gmail.com

Resumo: O trabalho do filólogo deve ser circunscrito entre arte e ciência, é isto que ensina a análise do método e do escopo da filologia de Auerbach. Para aprofundar isto, é preciso analisar o modo e o sentido através do qual este estudioso situa seu público no interior de uma determinada situação mundial. Depois da circunscrição do privilégio da filologia em meio às humanidades, será apresentada a discussão em torno do perspectivismo. Em contraste com isto será posto em relevo o prejuízo que motiva o filólogo profissional a acreditar que apenas a palavra seria portadora de pensamentos e que ele seria um mediador privilegiado.

Palavras-chave: Texto; Público; Tradição; Filologismo.

Abstract: The work of the philologist must be circumscribed between art and science, this is what teaches the analysis of the method and scope of Auerbach's philology. To deepen this, it is necessary to analyze the way and the meaning through which this scholar situates his public within a given world situation. After the circumscription of the privilege of philology in the midst of the humanities, the discussion around the perspectivism will be presented. In contrast to this will be highlighted the prejudice that motivates the professional philologist to believe that only

the word would be a carrier of thoughts and that he would be a privileged mediator.

Keywords: Text; Public; Tradition; Philologism.

I Método e escopo da filologia segundo Auerbach

Ao leitor de *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental* Auerbach faz questão de lembrar que se trata de um livro determinado pessoal e historicamente. Isto é tão importante na economia do livro que em outras circunstâncias e com uma biblioteca apropriada ele não teria sido escrito. Não se trata de pura contingência ou acontecimento fortuito. Esta determinação está ligada ao sentido do livro. As observações adicionadas ao livro sete anos depois de sua publicação são significativas. Neste texto que discute a recepção da obra ele diz: “*Mimesis* é um livro completamente consciente de uma pessoa particular, em uma situação particular, escrito no início dos anos 1940” (Auerbach, 2003, p.574). A segunda edição alemã traz uma informação ainda mais precisa: o livro foi escrito de “Maio de 1942 a Abril de 1945” (Auerbach, 2002a, p.4). Nestes acréscimos o autor aponta para o fato de que as objeções foram feitas no sentido de que o livro era em tudo ligado ao tempo e muito determinado pelo presente. Mas em *Mimesis* isto é intencional. Ao contrário de esconder, ele faz questão de deixar claro que suas posições são determinadas por sua origem pessoal, histórica, educacional e pelo presente de seus contemporâneos. Auerbach assume que “é melhor estar ligado ao tempo de modo consciente do que inconsciente” (Auerbach, 2003, p.573). Para onde aponta esta necessidade de inscrever um livro tão profundamente em seu tempo?

É neste contexto que a epígrafe de *Mimesis* deve ser interpretada. Ela mostra ao mesmo tempo o sentido das principais determinações da obra e o fato de que o livro é uma interpretação de conjunto da cultura ocidental, escrito durante o exílio de um grande filólogo judeu de Berlin no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Só para se ter noção do seu envolvimento com a política

do seu tempo, vale notar que seu autor foi demitido da Universidade de Marburgo em 1935 sob a alegação de “não ariano” (Krauss, 1979, p.76). A epígrafe é de um poeta inglês do século XVII: “Tivéssemos apenas mundo e tempo suficientes...” (Andrew Marvell). A frase sugere uma situação em que os sujeitos comprometidos com a ação não têm nem mundo nem tempo suficientes. Se tivessem não só poderiam seguir caminhos mais longos, mas também os resultados seriam certamente outro. A epígrafe introduz o leitor ao mesmo tempo ao sentido do livro e ao clima das condições históricas, ela permite antecipar o fato de que *Mimesis* é a concretização de uma experiência que só tem sentido na trama da história. Eis o duplo interesse da epígrafe: seu uso remete, ao mesmo tempo, para uma imersão em um espaço e em um tempo que forcem a agir de determinado modo e, através deste uso, a um distanciamento da situação com objetivo de interpretá-la. Com isto Auerbach parece dizer que seu livro está ligado ao presente e que esta ligação aumenta a força e o alcance de sua interpretação, que o sentido de uma obra só pode ser compreendido por sua história já que esse sentido nasce do interior da história e é inimaginável sem ela. Este é o problema de fundo: o adquirido só se torna eficaz quando afastado e superado.

A propósito, o alcance de certas obras é diretamente proporcional ao seu modo de trabalho. É aqui que entra a filologia como uma disciplina que liga o texto (autor), o público (outrem) e o campo no qual se inserem (tradição, história). Exemplo claro disto é o capítulo sobre Montaigne. Auerbach mostra que há neste autor uma criação simultânea do escritor e do público ligada a uma linguagem literária inserida em condições históricas e sociais determinadas: a tradição ocidental.

O perfil do público do filólogo pode ser reconhecido em uma afirmação do final do livro. O autor espera que seu livro alcance seus amigos e todos os outros a que se destina, e acrescenta: “e que contribua para reunir aqueles que conservaram serenamente o amor por nossa história ocidental” (Auerbach, 2002b, p.502). Este desejo remete a um tipo de produção cultural levada a cabo em

função de um conjunto virtual de leitores sob o fundo da história do ocidente. Ao considerar isto é possível compreender a posição do autor. Ele tem ao mesmo tempo uma consciência muito clara da grave situação mundial de seu tempo (barbárie) e uma fé racional no trabalho filológico (serenidade) cujo campo de ação é o globo linguístico. É preciso imaginar Auerbach no pós-guerra desejando serenidade aos intelectuais, mas na sua própria obra ele não minimiza a tensão das forças históricas. Seu trabalho é antes de tudo a composição de um quadro geral em que estas forças históricas agem em contextos muito diversos.

O método através do qual o filólogo realiza seu trabalho deve chamar atenção de quem trabalha com texto. Trata-se de analisar um texto particular que serve de ponto de partida e que tem grande força de irradiação. O texto deve ser ocasião de aprofundamento e favorecer uma visão de conjunto. A especificidade do método de Auerbach aparece com a proximidade do trabalho de Spitzer. Estes dois filólogos compartilham uma concepção geral de método: escolha de um texto que seja um bom ponto de partida e tenha forte poder de irradiação. A diferença está em que Spitzer se interessa mais por uma “forma individual” (“forma linguística particular, com uma obra particular ou um poeta particular”), e Auerbach se interessa mais por “algo de universal” (Auerbach, 2007b, p.26). O próprio Auerbach é quem faz esta comparação para pôr em relevo o estatuto deste universal que não é constituído por lei ou categoria classificatória: “o universal, que me parece poder ser exposto, é a visada de um transcurso histórico. Algo como um drama, que não contém nenhuma teoria, mas sim uma visada paradigmática do destino humano” (Auerbach, 2007b, p.26; tradução de Waizbort, 2012, p.149).

Este universal é da ordem do tempo e da ação, ele se faz na história e através da escrita da história. Há nele dramaticidade, historicidade e teatralidade ligadas à fala e ao olhar. Ele deve ser apresentado ou exposto como se expõe ou se apresenta um quadro em uma galeria de arte. Aqui não há nenhuma ressonância teórica

da filosofia da representação no sentido clássico (representação mental do mundo exterior). A galeria é um livro em que o autor expõe várias versões da realidade através de um estudo de conjunto da literatura ocidental. O filólogo percorre a tradição literária sem perder de vista uma questão central, ele não se aproxima dos textos sem este pressuposto: “em *Mimesis* a questão principal é aquela concepção antiga dos três níveis estilísticos; essa questão me ofereceu a possibilidade de interrogar todos os textos escolhidos para saber em qual relação estariam com aquela concepção” (Auerbach, 2007b, p.26). Treze anos depois de escrever *Mimesis* ele ainda insiste no fato de que o livro não é uma “série de fragmentos”, afinal, é possível encontrar nele uma “unidade, vaga mas sempre sensível” (Auerbach, 2007b, p.29).

Curtius, Spitzer e Vossler são nomes de destaque para a filologia românica na Alemanha do século XX. A importância destes três filólogos é tão grande, eles são de tal modo diferenciados, que, para Auerbach, seria difícil encontrar outros pesquisadores que os superassem, mesmo se fosse tomado como base de comparação outras disciplinas e outros países. A origem da escola é o historicismo romântico, e Auerbach não nega estes pressupostos historicistas e sua consciência da Europa. Enquanto a romanística alemã parece ter uma consciência mais clara e aguda dos abalos e das crises da Europa, mesmo consciente de sua situação particular e mundial, Auerbach deposita confiança e fé na filologia. Para ele a filologia deve apreender a unidade histórica em sua estreita relação com a produção literária. Esta tarefa só pode ser realizada se o filólogo se atém ao seu objeto: a expressão literária. Por causa da dificuldade e extensão esta tarefa é impossível de ser realizada. O filólogo que o trabalho de Auerbach quer formar não verá mais nomes tão imponentes quanto aqueles mencionados no início deste parágrafo, ele também não deverá alimentar a esperança de se tornar um deles. O que está ao seu alcance é um método “relativamente simples” que “consiste em escolher, explicar e combinar questões singulares que possam ser exatamente delimitadas e tratadas, de modo que ponham

problemas chave e abram o todo” (Auerbach, 2007b, p.14). No exílio o filólogo põe em ação este método ao escrever *Mímesis*.

II A filologia da literatura mundial

Para avaliar a situação e a tarefa desta filologia frente à literatura mundial vale frisar a tensão entre serenidade e turbulência. Como pesar o jogo de forças entre a serenidade e a barbárie? Hansen diz: “*Mímesis* postula a racionalidade como resistência à barbárie” (Hansen, 1994, p.57). O autor do livro não é inocente ou resignado. Ele não tem consciência apenas dos perigos e das catástrofes dos séculos XIX e XX, ele sabe que esta situação extinguirá aquele tipo de intelectual que admira e ama sua época e sua história. Ele sabe, também, que aqueles poucos intelectuais que ele conheceu ou de que teve notícia não viverão o tempo suficiente para ver o que o mundo se tornou, ele sabe, enfim, que estes intelectuais presenciaram “os primeiros indícios da uniformização da simplificação” (Auerbach, 2002b, p.498).

Seis anos depois da publicação de *Mímesis* Auerbach retoma esta questão no ensaio “Filologia da literatura mundial”. Antes de seu exílio Auerbach já se preocupava com a situação cultural do globo. Quando ele chega à Turquia, confirma sua posição e anos depois ele diz: “nossa Terra, que constitui todo o universo da literatura mundial, torna-se cada dia menor e mais pobre em diversidade” (Auerbach, 2007a, p.357). A dificuldade está em que à medida que a experiência humana se prolifera, multiplica, acumula, ela ao mesmo tempo diminui e se torna homogênea. Por esta razão é que o artigo começa com a questão de saber se a “literatura mundial” (*Weltliteratur*) no sentido de Goethe ainda tem algum interesse quando o filólogo se refere ao seu tempo presente e futuro. Quando Goethe aborda este tema em 1827, a Alemanha ainda não existia enquanto estado nacional, o que só ocorreu em 1871. Said observa que através deste conceito visionário Goethe pretende “transcender as literaturas nacionais sem destruir suas individualidades” e que ele deve ser entendido

como um “concerto entre todas as literaturas produzidas pelo homem sobre o homem” (Said, 1969, p.1). O ponto central é certa ideia de humanidade que, nas palavras de Auerbach, permite a “fecundação recíproca de [seus] elementos diversos” (Auerbach, 2007a, p.357). Mas esta ideia de humanidade não vingou e o filólogo não pretende restaurá-la. Em 1952, apesar das inúmeras conquistas das ciências e das artes, a situação do mundo é desanimadora. Sete anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial ele diz: “por mil razões, conhecidas por todos, a vida humana uniformiza-se em todo planeta. O processo de nivelamento, originário da Europa, estende-se cada vez mais e soterra todas as tradições locais” (Auerbach, 2007a, p.357).

Em uma correspondência enviada a Benjamin no dia 3 de Março de 1937, Auerbach comenta que através de um “caminho sangrento e doloroso”, “o artilho da Providência [...] nos conduz à internacional da trivialidade e a uma cultura-esperanto” (Auerbach, 1979, p.73). Vale reter isto: a correlação que se estabelece entre um mundo trivial, banal, vulgar, medíocre, homogeneizado, unificado, nivelado e uma cultura falada por um tipo de língua sem povo específico servindo de ponte puramente artificial entre várias culturas. Em contraste com os antigos substratos da cultura (tradição islâmica, hindu, chinesa), os diferentes modelos de cultura já não são mais tão diferentes assim e o apagamento das diferenças locais se tornou cada vez mais intenso. Seja no modelo europeu e americano ou no modelo russo e bolchevista, “a estandardização [...] espalha-se sobre tudo”:

se a humanidade conseguir escapar ileso aos abalos que ocasiona um processo de concentração tão violento, tão vigorosamente rápido e tão mal preparado, então teremos que nos acostumar com a ideia de que, numa Terra uniformemente organizada, sobreviverá uma só cultura literária, e que dentro em breve permanecerão vivas poucas línguas literárias (e talvez logo apenas uma). E assim a noção de literatura mundial seria simultaneamente realizada e destruída (Auerbach, 2007a, p.358).

Esta situação não é goetheana. Goethe e sua geração trabalhavam para elaborar uma pesquisa filológica e para formar

uma perspectiva mental de caráter histórico. Como, então, pôr em prática isto em um mundo onde esta mentalidade não faz mais sentido? É sobre este pano de fundo que o filólogo moderno deve pôr em relevo a matéria de seu trabalho histórico: o material ou o patrimônio literário mundial. Para Auerbach, há estreita correlação entre o conhecimento da unidade do homem através de sua multiplicidade e a compreensão da história imanente da humanidade. É do interior desta correlação que aparece o “lugar de liderança” (Auerbach, 2007a, p.359) da filologia. É a consideração dos fenômenos literários deste ponto de vista que revela o alcance do método filológico: a filologia está ligada à arte, à religião, ao direito e à política. Ela se associa a estas disciplinas graças a seus princípios sistemáticos e suas metas comuns. As esperanças de Auerbach no método filológico derivam do fato de que, com a devida paixão, talvez um pequeno grupo de jovens faça com que a atividade filológica tenha sentido e futuro.

A filologia é a narrativa da “história da conquista da auto-expressão humana” (Auerbach, 2007a, p.360). Aqui, o filólogo é alguém que não quer deixar seu leitor perder este espetáculo de conquista, ele é o narrador da história da auto-expressão pela palavra escrita. A dificuldade deste trabalho é decorrente de uma dupla operação: por um lado, o filólogo expõe e interpreta um espetáculo, por outro, ele precisa fazer o que estiver ao seu alcance para que o espetáculo não se perca. É neste momento que Auerbach assume a “urgente tarefa de recolher o material e organizá-lo de modo coerente” (Auerbach, 2007a, p.361). Através de sua organização ou montagem ele faz ver e ouvir a tragédia da cultura em sua própria temporalidade. É assim que ele constrói a historicidade de seu conceito e faz aparecer a possibilidade e a importância da filologia.

Auerbach não desconsidera o fato de que há, na cultura ocidental, um horizonte de empobrecimento ligado a uma formação cultural a-histórica. A filologia pretende remediar isto. Como? Ele diz: “aquilo que somos, nós o somos por nossa história, e só dentro desta que poderemos conservar e desenvolver nosso

ser; tornar isso claro, de modo penetrante e indelével, é a tarefa da filologia de nosso tempo” (Auerbach, 2007a, p.361). *Mimesis* é a concretização deste projeto e sua fragmentação não é avessa a certo tipo de unidade. Como diz Rancière a propósito do método de Auerbach, ele “mostra o todo no microcosmo de um fragmento” (Rancière, 2018, p.240). A exposição do universal montada pelo filólogo exige a particularidade do fenômeno literário no seu contexto literário específico. O sentido da interpretação é indissociável da linguagem literária, do próprio texto interpretado e da história literária. O lugar de liderança da filologia vem do fato de que ela organiza e interpreta este material de forma dramática e histórica. O todo que está em questão aqui é uma questão de atitude do escritor em face do espetáculo exposto.¹ O sentido que o filólogo atribui ao conjunto de fragmentos não é exterior aos fenômenos literários, esse sentido encontra-se nos próprios textos que ele mesmo privilegia ou recolhe, ele aproveita o acaso como motivação para desenvolver seus temas. Não se trata de uma investigação de tipo idealista que apaga a opacidade do fato, mas de uma tarefa criadora consciente de sua radicalidade histórica. A história do universal que o filólogo quer descrever depende de uma espécie de síntese de alcance concreto operada do interior do tempo e do espaço históricos.

Auerbach não quer nem reverter a standardização nem simplesmente tentar mudar o que já existe. Ele acredita que sua tarefa consiste em tornar possível resultados futuros. Para fazer isto ele não vira as costas para o mundo e não minimiza as dificuldades. Ele defende que tal tarefa só está à altura de quem tem experiência do conjunto da literatura mundial ou pelo menos de boa parte dela. A dificuldade é tão grande que este requisito

¹ Segundo Waizbort, “o todo depende do filólogo, isto é, do modo como ele se posiciona com relação à realidade do mundo que apresenta. [...] O todo é uma construção do filólogo, que cuida da unidade e do sentido do todo em pauta no livro [*Mimesis*] e, portanto, do nexos histórico que se encontra nele presente” (Waizbort, 2007, p.317). Quem opera esta síntese? Ele diz que é uma “capacidade subjetiva de compreensão”, é ela que “define o ‘relativismo radical’ e ‘compreensivo’ de Auerbach” (Waizbort, 2007, p.317).

não é preenchido por ninguém (variedade de autores, línguas, culturas). Ainda há uma dificuldade suplementar: o aumento das especializações também torna ainda mais difícil a tarefa. Auerbach acredita que apenas aqueles estudiosos estavam à altura desta missão. Apenas aqueles que nasceram antes da Primeira Guerra Mundial e faziam parte de uma cultura humanística tardoburguesa. A perspectiva de Auerbach seria completamente desanimadora se ele não tivesse um plano para os jovens. Ele recomenda reunir os requisitos gerais mais indispensáveis para a atividade histórico-filológica e manter, diante das correntes da moda, uma atitude de equilíbrio entre abertura e independência (Auerbach, 2007a, p.366). Não se trata de fazer com que um único indivíduo tente realizar esta tarefa, pois ele nem mesmo alcançaria as condições preliminares para o trabalho. Também não se trata de depositar todas as esperanças no trabalho dos grupos organizados, pois, apesar de útil em outros domínios, no domínio da filologia ele não tem grande utilidade.

O modelo para compreender o que está em questão é *Mimesis*. Há neste livro ao mesmo tempo uma síntese literária e histórica e uma exposição do resultado da síntese em um percurso comentado. Auerbach dramatiza a síntese se situando ao mesmo tempo no ponto de vista da ciência e da arte. Ele diz:

A síntese histórica que temos em mente, apesar de só fazer sentido quando fundada sobre o entendimento científico do material, é um produto da intuição pessoal — logo, só podemos esperá-la de um indivíduo. Levada à perfeição, ela é simultaneamente um feito científico e uma obra de arte. Até mesmo a descoberta do ponto de partida é fruto de intuição; e a realização final é um processo criativo que deve ser unitário e sugestivo se quiser alcançar o que se espera dele (Auerbach, 2007a, p.366).

A síntese filológica é operada por um sujeito histórico que a quer efetiva, justamente por isto ela se apresenta como uma obra de arte: assinada e datada. Aqui, a arte não exclui o conhecimento, antes o exige. O trabalho científico ajuda a evitar a tendência de dar as costas ao mundo real. O que fazer para não fugir à realidade? A atitude científica ajuda precisamente a “preservar e

garantir a verossimilhança nos assuntos do mundo” (Auerbach, 2007a, p.367). Primeiro a ciência ajuda a afastar a banalização e a distorção fantasmagórica, em seguida, ela libera a arte literária para que esta possa ter seus objetos próprios, enfim, a literatura ganha ao trabalhar em um espaço arejado. O trabalho em conjunto da ciência e da arte é importante porque, como diz Auerbach, “o real é a medida do verossímil” (Auerbach, 2007a, p.367). O verossímil é o que parece verdadeiro, mas também o que é provável, plausível ou possível. A tradição fez acreditar o contrário do que quer Auerbach. Para ela o verossímil é a medida do real. Vem daí a superioridade do poeta se comparado ao historiador: “a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança e a necessidade” (Aristóteles, 2015, p.95). Para Aristóteles, o verossímil está do lado do necessário e do geral, e não da realidade dos fatos singulares, por isto ele é mais filosófico. Auerbach subverte a precedência do possível e do necessário em face do real. Para ele o real é fonte e pedra de toque para o verossímil. Vem daí, enfim, a importância da exposição narrada da realidade na literatura ocidental.

Auerbach caracteriza sua filologia como um “gênero literário” (Auerbach, 2007a, p.367). Para explorar isto vale à pena lançar mão de uma ideia de Hansen segundo a qual há um “Auerbach ‘poético’, um Auerbach poeta” (Hansen, 1994, p.57). Isto é o mesmo que dizer que ele é poeta no duplo sentido em que Platão usa a palavra *poiesis*: ele faz “passar do não-ser ao ser” e faz isto com palavras (Platão, 2016, p.60). Para Auerbach, mas também para Platão, este não-ser não é um nada. A insistência no trabalho com a tradição vem da necessidade de se investigar o que é a criação. Para a filologia criar não significa fazer aparecer alguma coisa a partir do nada, mas trabalhar com certo conceito de tal modo que ele surja de uma concepção mais antiga e seja impensável sem ela. O filólogo deve aprender a se situar no interior do fenômeno literário se quiser escrever a história imanente de seu objeto. Para isto ele deve encontrar um ponto de

partida que seja “um elemento do próprio objeto”: “há que fazer falar as coisas, o que não será possível se o ponto de partida não for desde sempre concreto e bem delimitado” (Auerbach, 2007a, p.371).² O filólogo lança mão de um elemento do objeto e faz falar as coisas, os homens e a história. Esta figura retórica (fazer falar: prosopopéia) é usada para exprimir o fenômeno literário em sua especificidade. Esse fenômeno traz em si mesmo uma objetividade que não deve ser desfigurada pela síntese. O real ou a objetividade de que fala Auerbach só pode ser encontrada na literatura, cabendo ao filólogo fazer a exposição de seu material. Graças a isto que a filologia é o “único” método que permite apresentar “os progressos significativos da história imanente da humanidade” (AUERBACH, 2007a, p.369).

Auerbach defende que uma pesquisa só faz progressos quando alarga o campo de visão com trabalho, orientação e intuição de um ponto de partida: “esse alargamento tem caráter tão concreto, suas partes têm tal coerência interior, que os elementos conquistados dificilmente se perdem depois, enquanto, em geral, o resultado ganha em unidade e universalidade” (Auerbach, 2007a, p.369). A dica prática consiste em procurar um bom ponto de partida (*Ansatz*) que sirva para uma descrição concreta através de técnicas filológicas rigorosas que estejam à altura do poder de irradiação do texto. Ao fim do artigo “Filologia da literatura mundial” há radicalização e encaminhamento do problema. Auerbach propõe, paralelamente à uniformização, uma cultura de resistência e combate filológico. Ele diz: “quanto mais a Terra se uniformiza, tanto mais deverá ampliar a atividade sintético-perspectivística” (Auerbach, 2007a, p.372). Ao invés de se distender a tensão se intensifica, pois quanto mais a barbárie se aprofunda, tanto mais o

² Há ressonâncias éticas e políticas desta posição de Auerbach que Rancière não deixa de ser sensível e de aproximá-las de suas próprias perspectivas: “Espero que no meu caso como no de Auerbach, o exato desenvolvimento da análise irá mostrar que começar da ‘coisa ela mesma’, e construir as categorias interpretativas a partir destas ‘coisas’, é por si mesmo um método com algumas implicações filosóficas e políticas” (Rancière, 2018, p.227).

filólogo deverá apontar “um bom caminho para aqueles que queiram conceber o devido amor ao mundo” (Auerbach, 2007a, p.373).

III Sobre o privilégio da filologia

Quem é o filólogo? O termo remete a uma longa e longínqua história.³ Por enquanto basta indicar o modo como certos estudiosos da literatura identificam a filologia. Em um texto sobre Auerbach e o elogio da filologia, Zumthor diz que esta disciplina é e sempre foi interpretação de texto, e chama atenção para o fundamento da filologia: “ela se funda sobre a ideia de uma sociedade reunida pelo liame da linguagem” (Zumthor, 1972, p.108). Zumthor defende que a filologia está para a vontade do homem como a filosofia está para a razão, a primeira tende para a certeza e a segunda para a verdade; ele sublinha a importância do texto e do livro como lugar privilegiado para se tomar contato com a história da conquista da auto-expressão humana, ele reforça que é através da linguagem que o escritor estabelece a relação íntima e particular com o seu leitor. Que relação é esta? Para Zumthor, mas principalmente para Curtius, esta relação é aquela que se estabelece com um livro no sentido material do termo, ou seja, aquela “relação de posse”, ao passo que “não ‘possuímos’ uma obra plástica” (Zumthor, 1972, p.108). De onde vem a ideia de que a obra escrita não é uma cópia, de que ela tem um modo de existência mais livre e múltiplo e que seus interesses são mais iminentes e universais, de que o texto é a única fonte para se ter

³ Bassetto ensina que inicialmente o filólogo é o amigo da palavra, mas também um tagarela e um estudioso, e isto de Aristóteles passando por Plutarco até chegar a Cícero. Em seguida, o filólogo se torna um sábio culto (século I a.C.). Esta especificação semântica do vocábulo coexiste com o significado etimológico e suas derivações polissêmicas. Enfim, o termo filólogo reaparece na segunda metade do século XIV nos estudos, comentários e edições dos clássicos. Neste cenário se fixa o conceito moderno de “filologia como ciência dos significados dos textos” e como “pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura” (Bassetto, 2013, p.37).

acesso à auto-expressão da humanidade? Essa ideia vem do texto “Literatura européia” (1947) que abre a obra principal de Curtius.

Antes de trazer à tona o controverso texto de Curtius, vale mencionar outras características do pano de fundo teórico do livro de Auerbach. Trata-se, diz ele, de um “livro alemão” escrito por um “prussiano de credo judaico” (Auerbach, apud Said, 1969, p.123). *Mimesis* é um livro escrito sob a influência do historicismo, do romantismo alemão e que procura compreender a Europa. Para entender isto seria preciso desdobrar a sombra deixada por Kant e Hegel na obra de Auerbach. Mas talvez seja mais interessante apontar seu interesse por Platão que “faz entrar a filosofia na arte” (Auerbach, 2005, p.10) e reelabora a noção de real. Seria preciso ressaltar a importância de Aristóteles e de seu limite relativamente a Platão, pois se Aristóteles fornece uma justificativa filosófica para o conceito de imitação, resta que há uma ideia no *Banquete* de Platão que o torna valioso. Aristóteles defende a tragédia como responsável por unificar as demais artes, expurgar e purificar; Platão defende que “um mesmo autor deveria saber criar comédia e tragédia” (Auerbach, 2005, p.10). Como não pensar no trabalho de encruzilhada da filologia de Auerbach?

A chave de leitura para *Mimesis* é a ética e a política. Pode ser que um leitor desatento e mesmo mal intencionado diga que Auerbach está apenas passeando no jardim das palavras, flanando ou vagando por entre os fragmentos ou as ruínas literárias do ocidente e apontando, de longe, o que há de realismo nelas. Não é disto que se trata. Também não é o que pensam Eagleton e Rancière. Referindo-se aos textos estudados em *Mimesis*, Eagleton diz que “o critério para a seleção [...] é mais político do que formal ou epistemológico. A questão é se nós podemos encontrar secretado na linguagem de um texto particular a animada, ordinária, vida das pessoas comuns” (Eagleton, 2003). O livro de Auerbach não deve ser lido como uma história do realismo em geral. O realismo que lhe interessa é aquele que trata os temas realistas de maneira séria, problemática e trágica. Aos poucos quem lê o texto descobre os rastros (marcas, sintomas, fixações) da

vida cotidiana simples. O livro investiga seriamente o modo como as pessoas comuns se tornam ativas na cena literária antes de se tornarem ativas politicamente. Eagleton não identifica em Auerbach uma teleologia que faria ir de Homero a Virginia Woolf. Ele é da opinião de que em *Mímesis* “há certamente o pressuposto de que uma arte que tem a presença das pessoas comuns é ética e esteticamente superior do que uma que não tem” (Eagleton, 2003). Auerbach procura com cuidado e atenção obras cuja linguagem integre as classes sociais: ele mede, em cada obra, a combinação dos estilos e investiga, a propósito da história de cada personagem, se ele está ou não presente no curso da história.

Desde o início de *Mímesis* há clara problematização da relação clássica entre o possível e o real, a poesia e a crônica, o alto e o baixo no estilo e na sociedade. Ao contrário de Aristóteles, Auerbach não separa o possível e o real e faz aquele sair deste. A narração e a descrição não estão mais separadas. Rancière diz que Auerbach “liga a questão do realismo com a questão da conexão entre um tipo de sujeito e uma modalidade específica de narração” (Rancière, 2018, p.231). É aqui que se perturba a hierarquia do regime aristotélico, afinal, com este sujeito e esta modalidade de narração há uma conexão temporal em duas direções. Trata-se da

conjunção de dois movimentos conectando superfície e profundidade: o movimento que inclui a superfície visível dos eventos no desenvolvimento de um processo histórico e o movimento que traz todas as pessoas, independentemente de sua posição social, para uma mesma superfície de visibilidade (Rancière, 2018, p.232).

Auerbach se interessa por uma literatura feita por um sujeito histórico e na qual este dois tipos de temporalidades e movimentos estão interconectados. Ao contrário da tradicional aliança entre tempo e causalidade que define a ficção tradicional, ele defende uma posição do tempo em que o social está no núcleo da questão. Sua tese implica “uma ruptura com a hierarquia entre o tempo do homem ativo e o tempo do homem passivo” (Rancière, 2018, p.236). A questão da literatura se confunde com certa maneira de interrogar o tempo e isto acaba repercutindo na experiência. Na

literatura há “a possibilidade dada a alguém de uma experiência de tempo que anula a distribuição hierárquica das formas de vida” (Rancière, 2018, p.237). Vale a pena, então, retomar um ponto alto do pensamento de Auerbach: o perspectivismo. Através deste conceito o filólogo rastreia na literatura ocidental a presença de um sujeito ético habitante de um mundo histórico e político.

IV O perspectivismo

Quem leu *Mimesis* sabe que em contraste com Goethe, Dickens, Balzac e Zola, Auerbach chama atenção para as características do romance realista do período entre guerras: Woolf, Proust e Joyce. Eis as características desse romance realista: “representação consciente pluripessoal, estratificação temporal, relaxamento da conexão com os acontecimentos externos, mudança da posição na qual se relata” (Auerbach, 2002b, p.492). Essas peculiaridades estão entrelaçadas e se apresentam como certas tendências e necessidades tanto no escritor quanto no público. Resta que o romance deve se contentar com o que ele é, pois não se trata de lançar mão de possibilidades estruturais oferecidas por outra arte. Pelo menos é o que Auerbach quer fazer entender quando compara o livro ao filme. Quais são as características do cinema que podem ser comparadas às de um romance? A “concentração de espaço e de tempo” que

o cinema é capaz de atingir — por exemplo, representar a situação de um grupo de pessoas espalhadas em muitos lugares, de uma grande cidade, um exército, uma guerra, um país, etc., mediante algumas imagens, no espaço de poucos segundos —, nunca poderá ser atingida apenas pela palavra (Auerbach, 2002b, p.491).

Mas o romance não fica para trás mesmo quando se ressalta as mais altas qualidades do filme. Auerbach nota que a épica já possui “grande liberdade na sua disposição do espaço e do tempo” e que o romance da primeira metade do século XX aproveitou de tal modo essa liberdade que “não encontra modelos nas épocas literárias anteriores” (Auerbach, 2007b, p.492).

Ainda que a literatura não possua a capacidade que o cinema tem de concentrar e exprimir o espaço e o tempo, resta que através desta rápida comparação é possível extrair dois dados importantes. Primeiro: a restrição do romance na liberdade de fixar o espaço e o tempo acarreta um avanço interno do próprio romance. É claro que o romance moderno exprime ao seu modo o espaço e o tempo. Da comparação depreende-se o comportamento histórico da expressão literária: ela sempre lançou mão da operação espaço-temporal e possui uma historicidade. Segundo: a circunscrição do meio específico do romance. Auerbach diz: “o romance conheceu, a partir do cinema, com uma nitidez nunca antes atingida, os limites de sua liberdade no tempo e no espaço que lhe são impostos por seu instrumento, a linguagem” (Auerbach, 2007b, p.492). Mas a limitação da expressão literária se transforma em força e o que escraviza é também o que liberta, a saber, a linguagem. Com a comparação é possível colocar em relevo o fundamento do romance, seus estágios intermediários e seus momentos altos. Com a análise da linguagem aparece o meio específico do romance. Como reconhecer a particularidade da palavra? A palavra possui certa fraqueza se comparada com a imagem do cinema. Estes dois dados são necessários, mas não são suficientes para compreender a verdadeira diferença entre estes dois modos de expressão. Para desenvolver o argumento é preciso trazer à tona o livro que Auerbach escreveu em Istambul em 1943, *Introdução aos estudos de filologia românica*, e, particularmente, as suas duas últimas frases.

O cinema, cuja técnica permite dar-nos, em alguns instantes, toda uma série de imagens que constituem um conjunto simultâneo de fenômenos ligados ao mesmo tema, forneceu ao perspectivismo um dos novos meios de expressão, conforme a realidade múltipla de nossa vida. A arte da palavra não pode obter resultados iguais; mas se ela é incapaz de levar o perspectivismo dos fenômenos exteriores tão longe quanto o cinema, é, no entanto, a única capaz de exprimir um perspectivismo histórico da consciência humana e de reconstruir-lhe, assim, a unidade (Auerbach, 2015, p.372).

A comparação que Auerbach faz da arte da palavra escrita com a arte da imagem sonora em movimento revela que a capacidade

do cinema de exprimir o aqui e o agora nunca será alcançada pela literatura. Este é o ponto fraco da literatura. O cinema é insuperável quando se trata de exprimir o perspectivismo dos fenômenos exteriores. Já a palavra escrita é a única que exprime o perspectivismo histórico da consciência humana e reconstrói sua própria unidade. É isto que ele faz em *Mimesis*. Sua posição é muito sutil, pois apesar de que em seu texto a balança pende mais para o lado do perspectivismo histórico da palavra, nota-se a importância da consciência da realidade múltipla da vida humana. É aí que o tema do perspectivismo entra em cena. O perspectivismo é ao mesmo tempo compatível com a realidade múltipla da vida e é capaz de exprimir esta vida em sua unidade. É verdade que os outros modos de expressão trabalham com o perspectivismo, mas é verdade, também, que Auerbach pressupõe uma hierarquia entre os modos de expressão, ele também pressupõe a ideia de que a literatura trabalha com seu material de tal modo que os outros modos de expressão não têm notícia.

Vale a pena pôr em relevo a historicidade do perspectivismo. *Mimesis* se abre com o estudo intitulado “A cicatriz de Ulisses”. O filólogo põe em cena duas séries de fenômenos literários. A primeira está em Homero: o “primeiro plano”, “sempre em pleno presente espacial e temporal” (Auerbach, 2007b, p.5). A segunda série é extraída da Bíblia: o “segundo plano”.⁴ Neste capítulo é possível perceber um contraste intencional de estilos: por um lado, há fenômenos definidos temporal e espacialmente, eles são

⁴ A primeira série gira em torno de um trecho do Canto XIX da *Odisséia*, trecho em que a cicatriz na coxa de Ulisses o denuncia a sua ama de leite: “Esta cicatriz, reconheceu-a a anciã ao tocá-la / com as palmas da mão. / Na bacia deixou cair a perna e o bronze ressoou. / Desequilíbrio-se e no chão se entornou a água” (Homero, 2003, p.320). A segunda gira em torno de um episódio da história de Abraão: “Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Abraão!’. Ele respondeu: ‘Eis-me aqui!’” (Bíblia, 2003, p.61). Auerbach reconhece no trecho bíblico o processo subjetivo-perspectivista e a ordenação em perspectiva. Através destas duas séries de fenômenos a literatura ocidental “cria um primeiro e um segundo planos, de modo que o presente se abre na direção das profundezas do passado” (Auerbach, 2002b, p.5).

palpáveis e visíveis sem pano de fundo obscuro e com conexões horizontais claras, por outro, há fenômenos cuja experiência temporal é indefinida e exige interpretação, aqui o pano de fundo possui verticalidade. A forma exterior do perspectivismo está em Homero e Virgílio. A forma interior do perspectivismo aponta para Petronio. Ele é responsável por apresentar um “processo extremamente artístico, perspectivo, uma espécie de dupla reflexão” (Auerbach, 2002b, p.23). Em Petronio há uma forma de subjetivismo mais aguçado e salientado pela linguagem individual cuja intenção objetiva é descrever os fenômenos através de um processo subjetivo:

o ponto de vista é introduzido no próprio quadro, este ganha em profundidade, e a luz que o ilumina parece porvir de algum dos seus cantos. Não é de forma diferente que trabalham os escritores modernos, como Proust, só que mais consequentemente também dentro do trágico e do problemático. O procedimento de Petronio é, portanto, superlativamente artístico e, se ele não tiver tido precursores, genial (Auerbach, 2002b, p.24).

Não é por acaso que Proust apareça por aqui, pois ele é considerado o primeiro escritor que aplicou “de maneira metódica e sustentada a concepção do mundo como função da consciência” (Auerbach, 2015, p.371). Mas existem formas de perspectivismo bem diferentes das de Proust. O perspectivismo é um método imposto pelo próprio alargamento de horizonte que se desenrola principalmente desde o Renascimento: “o século XVI já possui, em grande medida, uma consciência perspectiva histórica” (Auerbach, 2002b, p.285). Esse século pode ser compreendido como um momento particular de um desenvolvimento histórico muito expressivo entre os primeiros humanistas. Nesta época, humanista era alguém que, seguindo algumas indicações de Cícero, elegia um conjunto de disciplinas para estudar (gramática, retórica, poesia, história, moral). A consequência disto está em que o “humanismo, com seu programa de renovações das antigas formas de vida e de expressão, cria em primeiro lugar uma visão histórica numa profundidade jamais alcançada anteriormente” (Auerbach, 2002b, p.286). É isto que pode ser rastreado em Dante, o poeta do mundo

terreno: a visão histórica perspectiva. Essa visão já é natural em Shakespeare, “embora não seja muito exata e não chegue a ser expressa com grande uniformidade” (Auerbach, 2002b, p.286). Em Shakespeare só é possível encontrar formas lúdicas da visão perspectiva, mas “a consciência da multiplicidade das condições da vida humana existe nele, e ele pode presumi-la no seu público” (Auerbach, 2002b, p.287). Já em Stendhal, “o elemento perspectivo temporal apresenta-se em toda parte na própria representação” (Auerbach, 2002b, p.413). Enfim, no romance moderno o perspectivismo se apresenta no forte contraste entre o rápido acontecimento exterior e a riqueza dos processos de consciência envolvidos.

Do ponto de vista histórico-literário é possível ver uma estreita relação entre dois tipos de representação literária: uma ligada à vida de uma pessoa comum (representação da consciência unipessoal e subjetiva) e outra ligada ao filólogo que formula a síntese (representação da consciência pluripessoal). Auerbach defende que historicamente a segunda forma de representação nasceu da primeira e que, além disto, “há obras em que as duas formas se entrecruzam de tal forma que se pode observar o seu surgimento, sobretudo no grande romance de Marcel Proust” (Auerbach, 2002b, p.484). Se é verdade que na sua origem este perspectivismo é subjetivista, é verdade, também, que as formas de vida que habitam o mundo moderno exigem o perspectivismo como “o método mais eficaz para alcançar uma síntese concreta do universo em que vivemos — esse universo que é, como disse Proust, verdadeiro para todos e dessemelhante para cada um” (Auerbach, 2015, p.372). O perspectivismo remete aos múltiplos planos da consciência, às inúmeras interpretações que um filólogo pode oferecer e a uma perspectiva de unidade histórica. Só aos poucos o aspecto histórico foi incorporado ao perspectivismo. É o que se aprende com Petrônio que, mesmo praticando um perspectivismo externo e interno, não liga “as diferentes circunstâncias e os diferentes acontecimentos a situações político-econômicas determinadas” (Auerbach, 2002b, p.28). Algo era

inacessível para ele: “a ideia de ‘forças’ históricas” (Auerbach, 2002b, p.28). Auerbach não se interessa só pela historicidade narrada, ele também quer saber quando ela começa a ganhar importância no interior do jogo de forças da história.

V O filologismo

Auerbach ao mesmo tempo investiga as condições de surgimento de um determinado fenômeno literário e se preocupa com a direção de seus desdobramentos formais e políticos. É por aqui que se começa a afastar Curtius de Auerbach. Os dois defendem uma topologia histórica, mas a diferença que é possível estabelecer leva adiante. Curtius investiga a tradição dos *tópoi* e através deles o modo com que a tradição retórica sobrevive na história ocidental. Auerbach traça um mapa de certa literatura realista ao colocar aos textos a questão das relações entre os estilos. Trata-se de levar a cabo o reconhecimento do vértice formal comum a modalidades de produções literárias diferentes e de considerar seu alcance ético e político. É possível dizer que se trata de uma análise e de uma classificação das formas da cultura, particularmente da cultura literária, que diferencia as formas e tira proveito disto para estudar em detalhe as relações com outros fatores (psicológicos e sociais). Longe da particularidade e da individualidade, o que lhe interessa é a ampla percepção dos caracteres formais e sociais postos em relevo por seu método. Ele aproxima ou afasta as obras a partir destes caracteres formais e sociais com objetivos que são eminentemente éticos e políticos.

É verdade que Auerbach era um pesquisador com uma missão européia, mas é verdade, também, que ele conduz seu trabalho com a consciência desta limitação. Quem lê *Mimesis* pode se espantar com seu escrúpulo ao exprimir suas ideias sobre o realismo russo. Essa leitura pode decepcionar, mas ela reencontra, por traz deste excesso de zelo, o rigor e a coerência do método filológico. Auerbach não considera o realismo russo porque não pode ler a obra no original, ele se contenta em falar da influência

que o realismo russo exerceu sobre o modo de ver e de representar a realidade na Europa (Auerbach, 2002b, p.441). Na verdade, a questão por trás dessa consciência da Europa e do papel do texto e da palavra é a questão do humanismo.

Que espécie de humanismo há em Auerbach? Certamente não é aquele que faz repousar a natureza e a cultura sobre a atividade do espírito presente na ciência, nem mesmo aquele que se identifica com o conhecimento de si ou de algum ente intemporal, como se o mundo histórico, ao invés de ser feito de pessoas vivas, fosse feito e habitado por entes espirituais. Em suma: aquela espécie de comportamento que se atém à vida do espírito e aos seus ídolos quando no mundo há contingência. Esse humanismo abstrato é estranho a Auerbach e foi forjado durante o século XIX. É verdade que a visão de Auerbach é humana e humanista, mas é verdade, também, que para ele o filólogo moderno deve compreender que a novidade de seus conceitos só é possível através de uma investigação do seu solo de origem e de seus horizontes de desdobramentos. Rancière comenta: “hoje, leitores podem sorrir da afirmação desta fé humanista característica do período pós-guerra, o período da ‘família do homem’ e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)” (Rancière, 2018, p.239). Ainda hoje isto está fora de moda, deslocado ideológica e historicamente. Mas Rancière afirma a importância do humanismo na medida em que o humanista apreende a simplicidade de um momento qualquer vivido por uma pessoa qualquer. Aqui, as pessoas e a história, a superfície e a profundidade estão conectadas.⁵

Said diz que *Mimesis* é “o maior livro da prática humanista geral” (Said, 2004, p.24) e que este livro é um exemplo duradouro dessa prática ainda hoje. Este trabalho implica, para o intelectual,

⁵ Rancière diz: “a fé no caminho que leva da descoberta de um momento qualquer a uma vida comum futura pode esconder uma divisão localizada na própria simplicidade do momento. Esta divisão pode ser localizada muito precisamente. Ela repousa na relação entre tudo o que qualifica o momento e o qualquer um que pode experimentar aquela qualidade” (Rancière, 2018, p.239).

uma consciência não só daquilo que ele está fazendo, não só um comprometimento teórico e histórico, mas também a conexão de seus conceitos com o mundo dos cidadãos. Por um lado, é preciso criticar o humanismo em nome do humanismo, por outro, após a crítica dos seus abusos, é preciso reabilitar um humanismo cosmopolita e preso ao texto e à linguagem. A crítica histórica deve estar no seu centro, ser uma forma de liberdade e uma prática de conhecimento, seu objetivo não é apenas o esclarecimento e a emancipação, mas também a correção de falsas interpretações do passado e do presente. Porém, o mais importante é relacionar esta prática com as práticas da linguagem. Said propõe “o regresso ao modelo filológico-interpretativo” como o “único modo útil” de luta hoje (Said, 2007, p.55). O problema está em que nas mãos dos filólogos profissionais a exclusiva lida com o texto e a palavra escrita termina trazendo à tona um prejuízo.

Said fundamenta estas ideias sobre o humanismo na obra de Poirier que defende três teses: primeiramente, a linguagem é usada na cultura, em seguida, a linguagem é usada para o conhecimento de si, enfim, a linguagem é o meio mais eficaz de registro. Ainda que o humanista deva seguir as sugestões da literatura, do pensamento e da arte contemporânea para se dar conta do modo como seu trabalho se relaciona com o estado atual das coisas, resta que a ciência da literatura permanece sendo essencial para o conhecimento humanista. Por quê? Porque na linguagem é possível encontrar vestígios do “poder autóctone” (Poirier, apud Said, 2007, p.82) através do qual o homem inventa a si mesmo como forma única da natureza.

De onde vem esta exclusividade e superioridade no contato com os textos? Por que outros modos de expressão não poderiam dar testemunho deste poder autóctone e da história? Curtius defende teses que repetem um prejuízo muito antigo e persistente: apenas a ciência da literatura é capaz de apreender o conjunto da cultura europeia historicamente e levá-la adiante. Deste ponto de vista a diferença entre as artes plásticas e a literatura é abissal, pois apenas a literatura possui estrutura autônoma e é portadora de

pensamento, só ela torna presente o passado e faz com que o passado continue atuando, ela está presente na materialidade do livro e por isto exige requisitos indispensáveis. Um ano depois de exprimir tais ideias e ter causado certa polêmica, Curtius acrescenta ao artigo “A literatura européia” uma nota explicativa reafirmando que “o *logos* só pode expressar-se em palavras” e que “a literatura [é] portadora de pensamentos, e a arte não” (Curtius, 2013, p.47). Ele confirma sua tese com algumas ideias de Berenson segundo o qual é mais fácil aprender a língua dos mármore do que desfrutar Píndaro no original. Há aqui uma dificuldade inicial: o livro de Curtius é dedicado a dois filólogos, Gröber e Warburg. O primeiro é um romanista estudioso da literatura medieval, como Curtius. Mas Warburg é um filólogo do olhar e para o qual há uma afinidade da imagem com a história. Warburg e Auerbach tinham muito em comum, e isto, não só do ponto de vista da vida, mas, sobretudo, do ponto de vista das obras (o privilégio da filologia, as proximidades entre os modos de expressão, o modo anacrônico de trabalhar com seus respectivos objetos). Seja como for, é o fundamento da posição de Curtius que é preciso questionar.⁶

⁶ Indicações de época ajudam a circunscrever a posição de Curtis. Gombrich, que na época estava ligado ao Instituto Warburg, foi convocado para sair em defesa da imagem contra os ataques do filólogo profissional. Ele diz: “renda-se ao valor expressivo de qualquer imagem e ela irá levá-lo ao mais profundo núcleo do passado da humanidade. Essa, é claro, foi a própria promessa que despertou a raiva de um verdadeiro erudito como Ernst Robert Curtius” (Gombrich, 2012, p.271). Essas reações fazem retornar um prejuízo. As principais teses de Curtius — “o ‘presente intemporal’” é “essencialmente peculiar às Letras”, “o livro é muito mais real que um quadro. Nele há uma relação ontológica e real participação numa existência intelectual” (Curtius, 2013, p.46) — devem estar em contraste com a expressividade da imagem nas artes visuais. Ele pressupõe uma ligação da imagem com o mundo sensível e ao corpo, e da palavra ao mundo ideal e ao pensamento. As imagens agiriam como entidades vivas e as palavras portariam pensamentos. É sob esse fundo que Curtius afirma o privilégio ontológico da escrita e a superioridade do filólogo como mediador privilegiado.

Por trás dessa posição teórica está em ação aquilo que Bakhtin e Bourdieu chamam de filologismo. Bourdieu diz que Bakhtin esboça a análise daquilo que é a

crítica do filologismo como deformação profissional que levam os filólogos, por causa de suas formações e experiências da língua, a aceitarem uma definição implícita de seus objetos. [...] O filologismo, forma específica de intelectualismo e de objetivismo que assombra as ciências sociais, é a teoria do discurso que se impõe às pessoas que não têm nada a fazer com a língua, senão estudá-la (Bourdieu, 1977, p.17).

Depois de apresentar as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico que abordam a linguagem (o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato), Bakhtin analisa cada um deles separadamente. Contra o objetivismo abstrato ele defende que para o locutor a forma linguística deve sempre apresentar-se no contexto de suas enunciações e que isto sempre implica um contexto ideológico preciso. Quem usa uma língua para falar não se orienta para a identificação dos elementos normativos do discurso. Não se trata de simplesmente reconhecer esta forma linguística e confrontá-la com a norma e, com isto, reconhecer sua estabilidade. Separá-la do contexto é um erro porque as formas são mutáveis e históricas. A língua deve apresentar-se para o falante na prática viva da comunicação social e não no interior de um sistema de formas normativas. Assim, contrapõe-se o abstrato ao concreto, o sistemático abstrato à verdade histórica. Estudar a língua do ponto de vista do objetivismo abstrato implica a elaboração de procedimentos práticos e teóricos que visam o “estudo das línguas *mortas*, que se conservam em documentos *escritos*” (Bakhtin, 2014, p.100).⁷

⁷ Bakhtin sugere que a filologia pode ser um instrumento para o trabalho com a fala viva em sua evolução imanente: “É preciso salientar com insistência que essa abordagem filológica foi determinante para o pensamento linguístico do mundo europeu. Esse pensamento nasceu e nutriu-se dos cadáveres dessas línguas escritas. Quase todas as abordagens fundamentais e as práticas desse pensamento foram elaboradas no processo de ressurreição desses cadáveres. O filologismo é um traço inevitável de toda a linguística européia, condicionada pelas vicissitudes históricas que presidiram ao seu nascimento e seu desenvolvimento. Por mais que

Bakhtin argumenta que é preciso colocar a escrita no interior da cadeia dos atos de fala, que a escrita foi construída e se remete a alguém em um determinado contexto e faz parte de um processo histórico e ideológico. Seu vínculo com a esfera do real não permite o isolamento abstrato do mundo. Além disto, afastar a escrita de seu contexto seria praticar uma compreensão passiva. É isto que faz o filólogo profissional quando se contenta com o simples isolamento e a comparação do que foi dito e compreendido. Como Auerbach, Bakhtin defende que o filólogo deve puxar os fios que ligam a escrita a sua evolução histórica e concreta. Para ambos o filólogo não deve assumir com relação à língua uma “posição conservadora e acadêmica, isto é, tratar a língua viva como se fosse algo acabado, o que implica uma atitude hostil em relação a todas as inovações linguísticas” (Bakhtin, 2014, p.107). O interesse de Auerbach por Joyce deve servir como prova de seu interesse por inovações linguísticas. Apesar de ser filólogo profissional, a posição de Auerbach não é acadêmica e sua estadia na Turquia é prova disto. Apesar de defender que a arte da palavra é a única ligada à reconstrução da unidade, Auerbach se interessa pela inserção e pela consciência histórica dos textos. Suas análises ligam os textos a um público e a uma tradição. Ele mantém a tensão entre a realidade apresentada no texto e suas funções sociais. Sua atitude em relação aos jovens mostra que ele não é um sacerdote, apesar de que “os sacerdotes foram sempre e em toda parte os primeiros filólogos e os primeiros linguistas” (Bakhtin,

voltemos os olhos ao passado para traçar a história das categorias e dos métodos linguísticos, sempre encontraremos filólogos. Os alexandrinos eram filólogos, assim como os romanos e os gregos (Aristóteles é um exemplo típico). Também a Índia possuía os seus. Podemos dizer que a linguística surgiu quando e onde surgiram exigências filológicas. Os imperativos da filologia engendraram a linguística, acalentaram-na e deixaram dentro de suas fraldas a flauta da filologia. Essa flauta tem por função despertar os mortos. Mas essa flauta carece da potência necessária para dominar a fala viva, com sua evolução imanente” (Bakhtin, 2014, p.100). É interessante imaginar o filólogo como um descendente deste flautista que domina a fala dos mortos e dos vivos.

20014, p.103).⁸ Seu método é o contrário de um contato direto e privilegiado de tipo iniciático exclusivo de quem se dedica aos textos. Sua obra não remete a uma atmosfera de mistérios própria de uma objetividade abstrata, a um pensamento que desconhece não só a especificidade e o alcance das outras modalidades expressivas, como também a peculiaridade do modo histórico de operar da palavra.

VI Epílogo

O método filológico de Auerbach mantém a tensão entre a paciência da leitura cuidadosa e o engajamento resistente. Como abordar o texto? Nunca ingenuamente, jamais dogmaticamente. Auerbach seleciona um fragmento, separa o trecho do texto e se vale de seu poder de expansão e elucidação da questão previamente formulada. O campo histórico da filologia deve chamar atenção de intérpretes dos textos porque é dele que esta disciplina extrai sua força e importância: no texto é imprescindível não separar o autor, o público e a tradição. É esta conjunção que forma o campo de ação da filologia. Aqui, a linguagem é constitutiva do texto, de sua recepção e de sua tradição. É notável o interesse do filólogo profissional pela palavra e pelo livro. Mas depois de ter passado por Auerbach esta ciência da literatura se tornou indissociável da cultura humana em sua multiplicidade e diversidade. Esta ciência quer ver tudo isto no texto, ela quer ver no texto sério a simplicidade de um momento qualquer vivido por uma pessoa qualquer. É deste ponto de vista que opera o perspectivismo de Auerbach, é daí que ele avalia a relação entre os

⁸ Cervantes fornece um exemplo curioso de uma opinião como esta. Quando o barbeiro e o padre estão escolhendo os livros de D. Quixote que serão queimados, o padre diz que vai dar fim em qualquer tradução que encontrar de Ariosto, mas o barbeiro diz ao padre que ele mesmo tem uma edição deste poeta na língua original. Então o padre defende que a tradução tira o “valor natural” do texto e “por mais cuidado que ponham e habilidade que mostrem, jamais alcançarão o ponto que eles têm no seu primeiro nascimento” (Cervantes, 2002, p.104).

estilos. É daí que ele legitima seu projeto de racionalidade e seu uso da filologia contra o avanço da barbárie.

A filologia segundo Auerbach rastreia momentos em que a vida e a evolução dos textos se ligam com as forças históricas. Ela procura registros ou marcas de quebras da regra clássica dos níveis da representação literária. Ele diz que em toda sua obra há “o esforço em chegar a uma topologia histórica, na qual o intento não é tanto esclarecer em geral a peculiaridade do fenômeno, mas sim as condições de seu originar-se e a direção de seus efeitos” (Auerbach, apud Waizbort, 2007, p.267). Seu método reconhece as discontinuidades como conquistas das interpretações ligadas aos problemas históricos de uma época. O método também conhece a continuidade, pois é relativamente à mesma questão que o filólogo expõe sua história. O filólogo tal como Auerbach imagina está ligado ao seu próprio presente. Graças a isto ele ainda tem algo a dizer.

No calor da hora, Auerbach forja uma filologia que deve ser entendida como um método histórico interpretativo que pode ajudar a enfrentar e interpretar certas situações. Ele ensinou, por exemplo, o papel do exílio. Exilado, ele foi forçado a olhar para a história literária ocidental de um lugar e de um tempo específicos. O exílio condiciona historicamente e existencialmente uma pessoa: judeu e professor de filologia românica, o exílio também foi para Auerbach um artifício literário-filosófico. Ele aprendeu que por toda parte e o tempo inteiro o filólogo está exilado. Foi este ponto de vista que o levou a reafirmar e levar adiante seu amor pela cultura alemã e ocidental. O exílio ajuda a olhar as coisas de fora, mas este ponto de vista exige outro: é preciso fazer falar as próprias coisas. No seu propósito de narrar a história o filólogo trabalha de fora e de dentro da palavra e da fala.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

AUERBACH, Erich. *Epilegomena to Mimesis*, “In:” *Mimesis. The representation of reality in western literature*. Trad. Willard Trask. Princeton: Princeton University Press, 2003.

AUERBACH, Erich. *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der Abendländischen Literatur*. Bern: A. Francke Ag. Werlag, 2002a.

AUERBACH, Erich. Filologia da literatura mundial. “In:” *Ensaaios de literatura ocidental. Filologia e crítica*. Trad. Samuel Titan Jr.. São Paulo: Ed. 34, 2007a.

AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2002b.

AUERBACH, Erich. *Lingua letteraria e pubblico nella tarda antichità e nel Medioevo*. Trad. Fausto Codino. Roma: Feltrinelli, 2007b.

AUERBACH, Erich. 5 Cartas de Erich Auerbach a Walter Benjamin. Trad. Luiz Costa Lima. “In:” *34 Letras*, n.5/6, 1974.

AUERBACH, Erich. *Studi su Dante*. Trad. Maria Bonino e Dante Terza. Milão: Feltrinelli, 2005.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários* [Título original: *Introduction aux études de philologie romane*] Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BASSETTO, Bruno. *Elementos de filologia românica. Vol 1: História externa das línguas românicas*. São Paulo: Edusp, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2014.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. L'économie des échanges linguistiques. “In:” *Langue française*, n.34, 1977.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Primeiro Livro. Tradução Sérgio Molina, São Paulo: Ed. 34, 2002.

CURTIUS, Ernst. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Edusp, 2013.

EAGLETON, Terry. Pork chops and pineapples. "In:" *London Review of Books*, vol.25, n.20, 2003; <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v25/n20/terry-eagleton/pork-chops-and-pineapples>; acesso: 20/04/2020

GOMBRICH, Ernst. *Os usos das imagens. Estudos sobre a função social da arte e da comunicação visual*. Trad. Ana Azevedo. Porto Alegre: Bookman, 2012.

HANSEN, João A. Mimesis: figura, retórica & imagem. "In:" *Erich Auerbach: V Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.

KRAUSS, Werner. Marburg sob o nazismo. Trad. Luiz Costa Lima. São Paulo, *34 Letras*, n.5/6, 1979.

PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

POIRIER, Richard. *The renewal of literature: emersonian reflections*, Nova York: Random House, 1987.

SAID, Edward. Notes. "In:" AUERBACH, Erich *Philology and Weltliteratur*. Tradução de Marie e Edward Said. "In:" *The centennial review*, n.13.1, 1969.

SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. Rosaura Eichengerg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. Erich Auerbach e a condição humana, "In:" *O pensamento alemão no século XX*. São Paulo: Cosac & Naif, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. Auerbach and the contradictions of realism. Chicago, *Critical Inquiry*, n.44, 2018.

ZUMTHOR, Paul. Erich Auerbach ou l'Eloge de la philologie. "In:" *Littérature*, n.5, 1972.